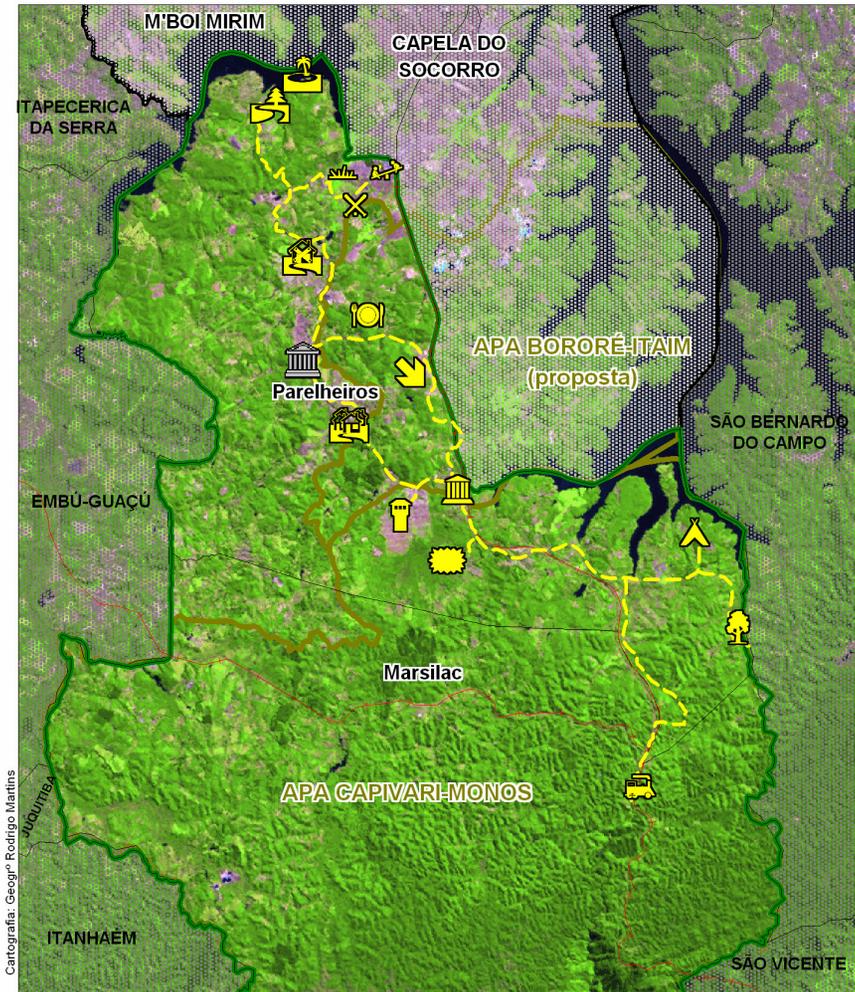


Subprefeitura de Parelheiros

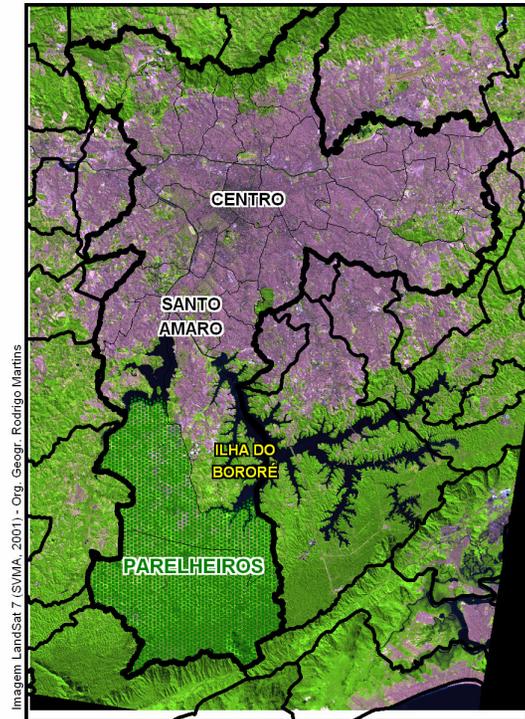


LEGENDA:

- | | | |
|----------------------|------------------------------------|------------------------|
| Pça Trabalhador | Loteamentos Irregulares | Centro Paulus |
| Colonização Nipônica | Centro | Varzea da Cratera |
| Várzea do Caulim | Mirante Cratera Colônia | Evangelista de Souza |
| Solo Sagrado | Colônia Alemã | Aldeia Guarani Krucutu |
| Represa Guarapiranga | Áreas de Risco | RPPN Sítio Curucutu |
| Limite Subprefeitura | APAs (Áreas de Proteção Ambiental) | Subprefeitura |
| Roteiro | | |
| Ferrovia | | |
| Distritos | | |



SubPrefeitura de Parelheiros Aspectos da Paisagem



ROTEIRO DE RECONHECIMENTO

Monitor Responsável: Rodrigo Martins



COMISSÃO DE MEIO AMBIENTE

Partido Verde

Diretório Municipal de São Paulo



Comissão de Meio Ambiente

Coordenadora: Carmem Patrícia Coelho Nogueira
1.º Secretário: Luis Carlos Rusilo
2.º Secretário: Marcus dos Reis

SUBPREFEITURA DE PARELHEIROS – ASPECTOS DA PAISAGEM ROTEIRO DE RECONHECIMENTO

REALIZAÇÃO

KARINA FERREIRA MARQUES KARINA.VERDE@BOL.COM.BR 9702-5277

TRANSPORTE

RODRIGO MARTINS DOS SANTOS RODRIGO@MARTINS.ZZN.COM 9824-1446

ROTEIRO, MONITORIA, EDIÇÃO E TEXTO

São Paulo, 2005

Praça do Trabalhador

A Praça do Trabalhador é o principal ponto de entrada da Sub-prefeitura de Parelheiros a partir do centro da cidade. Faz limite com a subprefeitura de Capela do Socorro.

O atual subprefeito, Walter Tesch (PV), planeja implantar no local um portal de entrada simbolizando a Usina de Águas da Cidade de São Paulo, pois Parelheiros é a subprefeitura que mais contribui para a manutenção dos reservatórios Billings e Guarapiranga, devido a sua vasta área coberta por vegetação de mata atlântica e áreas agrícolas.

A subprefeitura de Parelheiros compreende 24% do território da capital, totalizando 360 km², e adquiriu autonomia política em 2002, quando foi desmembrada da administração de Capela do Socorro.

Sua população em 2000, segundo o Censo do IBGE, era de 111.000 habitantes. Estima-se que atualmente esteja próximo dos 150.000.

Colonização Nipônica (Agricultura)



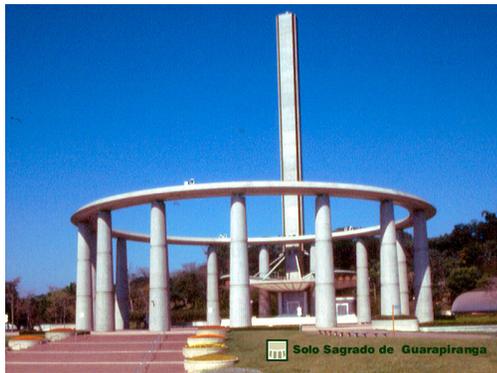
Em meados do Século XX, principalmente após a Segunda Guerra Mundial, diversos japoneses desembarcaram no Porto de Santos. Grande parte deles ficaram no chamado Cinturão Verde Metropolitano de São Paulo, área que circunda a Metrópole Paulistana, abrangendo diversos municípios da Região Metropolitana de São Paulo, inclusive a própria capital, que têm como foco de povoação nipônica as Zonas Sul e Leste. Na Zona Sul de São Paulo, eles fixaram residência

nos distritos de Marsilac, Parelheiros, Grajaú e Jardim Ângela, onde na época da imigração, predominava o Uso Rural do Território.

Assim, os bairros de Jaceguava e Casa Grande – que fazem parte da Subprefeitura de Parelheiros – foram sendo ocupados por famílias japonesas, onde estas se dedicavam ao trabalho agrícola, destacando-se no setor de hortifrutigranjeiros, tornando-se importantes fornecedores deste gênero ao abastecimento da metrópole.

Solo Sagrado da Igreja Messiânica

Os primeiros estudos sobre a concepção física do Solo Sagrado de Guarapiranga iniciaram-se em 1986 com reuniões semanais de um grupo de engenheiros e arquitetos voluntários. O grupo fazia estudos de anteprojetos e da filosofia de Mokiti Okada em busca de uma ampla visão dos conceitos de harmonia entre a beleza criada pelo ser humano e o elemento Natureza.



À participação dos técnicos, somou-se a dedicação voluntária de mais de 73.000 messiânicos de todo o Brasil e do exterior, seja pelo trabalho braçal ou pelas contribuições em dinheiro, para esse que é um dos maiores jardins particulares da América Latina.



As primeiras sondagens do terreno feitas em março de 1989 já davam o sinal verde para o início da construção, mas os diversos contratos dos sistemas hidráulico, elétrico, de sonorização etc. tiveram de ser refeitos com a mudança do projeto inicial. Enfim, em maio de 1991, as obras tiveram seu início e foram concluídas em outubro de 1995, tudo concretizado pelo amor, união e dedicação voluntária de toda a comunidade messiânica.

Represa Guarapiranga

Construída entre 1906 e 1912 pela empresa canadense The São Paulo Trainway, Light and Power Company Limited, mais conhecida com “Light” pelos paulistanos, a represa Guarapiranga tinha como primeira função regular a vazão do rio Pinheiros para a geração de energia no rio Tietê através da Usina Hidrelétrica Edgar de Souza em Santana de Parnaíba, que fornecia eletricidade para a capital.

Nesta época Santo Amaro ainda era um município independente, predominantemente rural, tradicionalmente caipira, berço de diversos bandeirantes como Fernão Dias Paes Leme (o caçador de esmeraldas) e Borba Gato, seu genro, que no século



XVII administrou a cidade de Mariana nas Minas Gerais.

Apesar de sua função principal – regulação de vazão – o reservatório do rio Guarapiranga passou a ser utilizado como área de lazer pelos paulistanos, que construíram diversos clubes (regatas, golfe, campo, etc), chácaras de recreio, praias, chegando a receber o título de primeiro passeio do paulistano do início do século XX.

Na década de 1920, um conhecido aviador italiano, o comandante De Pennedo, realiza um pouso histórico com seu hidroavião nas águas da represa. Ele havia atravessado todo o Atlântico, a partir de Gênova, com destino a São Paulo.

Com a construção da represa Billings em 1926, a Guarapiranga passa a servir como fonte de abastecimento para diversas cidades do entorno.

Em 1935, Santo Amaro é anexado à capital, sob muitos protestos dos santamarenses que não aceitavam uma cidade em pleno progresso, como vinha passando, ser anexada. Porém, este era um plano estratégico do Estado, pois em Santo Amaro estavam os principais reservatórios da região que se tornaria a maior metrópole do Hemisfério Sul.

Loteamentos Irregulares

Em busca de alojamento barato, uma população bastante numerosa escolheu os mananciais de Santo Amaro para residir. A possibilidade de encontrar aluguéis mais baixos ou até mesmo casa própria, com algum sacrifício, surgia com os numerosíssimos loteamentos, muitos deles irregulares, devido a publicação da lei estadual de Proteção aos Mananciais em 1976.

A inexistência de grandes espaços em áreas urbanas acabou por tomar os terrenos dos caipiras santamarenses, de solo esgotado por roças rudimentares. Lotear suas propriedades foi a saída vista pelos proprietários de terra, pois o aumento de impostos territoriais veio encarecer as grandes propriedades. A solução foi dividir as chácaras e sítios em loteamentos, dando lugar ao aparecimento de ‘vilas’, ‘jardins’, ‘parques’ e etc., deixando que os interesses da especulação imobiliária determinassem a localização de



moradia da população trabalhadora, acentuando-se, no delineamento do traçado urbano, o desordenamento no uso do solo. Colocando o poder público a serviço dos especuladores imobiliários, pois após a criação dos loteamentos, regulares ou não, o Estado se via obrigado a prover o bairro de infra-estrutura básica urbana, prevista em constituição: água, luz e transporte.

A especulação imobiliária adotou um método próprio para parcelar a terra da cidade. Tal método consistia no seguinte: o novo loteamento nunca era feito em continuidade imediata ao anterior, já provido de serviços públicos. Ao contrário, entre o novo loteamento e o último já equipado, deixava-se uma área de terra vazia, sem lotear. Completado o novo loteamento, a linha de ônibus passava pela área não loteada, trazendo-

lhe mediata valorização. O mesmo ocorreria com os demais serviços públicos.

Dessa forma, transferia-se para o valor da terra, modo direto e geralmente antecipado, a benfeitoria pública. Ainda hoje, sempre que se chegue a um centro secundário da cidade – de Santo Amaro à Penha, indistintamente – e se continue em direção à periferia, o processo é visível: antes de cada loteamento alcançado, existe uma área vazia.



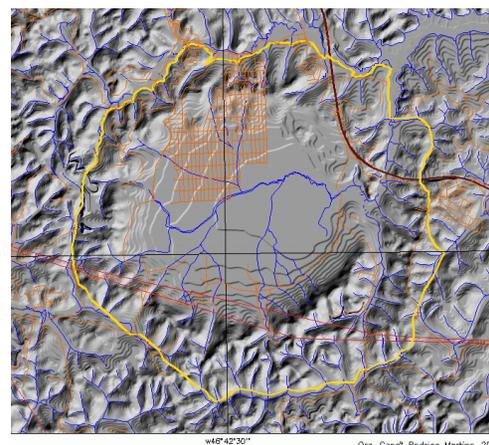
Parelheiros (1898)

Na região de Parelheiros já havia alguns caboclos antes da vinda dos alemães, e o lugar recebeu este nome devido à ocorrência de diversas corridas de cavalo (parelhas) entre germânicos e brasílicos. Antes era conhecido como Santa Cruz, devido a existência de uma Cruz no local, colocada por um devoto chamado Amaro Pontes que cedeu terras para a construção da capela após sua volta da Guerra do Paraguai (1864-1870), como pagamento de promessa.



Parelheiros se destaca em relação a Colônia Paulista devido ao fato de haver uma estrada aberta no século XIX, por iniciativa de Henrique Schunck (alemão), pai do fundador de Cipó (hoje distrito de Embú-Guaçu). A estrada de Parelheiros, atual Av. Sadamu Inoue, ligava as vilas de Embu-Guaçu e São José, de onde se podia partir para Rio Bonito e Santo Amaro, evitando, assim, a passagem pela Colônia, por onde havia a antiga estrada da Conceição, que em tempos colônias ligou as vilas de Conceição de Itanhaém a Santo Amaro de Ibirapuera, atualmente é conhecida como Estrada Velha da Colônia, mas seu nome é Av. Tadao Inoue.

Astroblema “Cratera de Colônia”



Estima-se que a Cratera tenha sido formada devido ao choque de um meteorito (corpo celeste), há cerca de 30 milhões de anos, resultando numa depressão circular de aproximadamente 3,6 Km de diâmetro.

No Brasil existem apenas cinco destas estruturas, e cerca de 70 no mundo todo porém a Cratera de Colônia é a mais próxima de um ambiente urbano (está a 30 km do centro da cidade). Por isso é um patrimônio natural tombado pelo CONDEPHAAT.

Em seu interior há uma coluna de sedimentos de 400 metros de profundidade que através de estudos de datação é possível identificar alguns fatores paleoclimáticos, biogeográficos e até arqueológicos da história natural e de ocupação, tanto do antigo sertão santamarense como do próprio planalto paulista.

Em 1989, iniciou a ocupação do Condomínio Vargem Grande, um enorme bairro irregular que se formou nos limites da cratera. Atualmente este condomínio abriga cerca de 25.000 pessoas.

Colônia Paulista (1829)

No início do século XIX foi instalado no sertão do então município de Santo Amaro (este município foi anexado à capital do Estado em 1935), no local onde hoje é



Foto: Rodrigo Martins, 2004

denominado de Colônia Paulista, o primeiro projeto, do Brasil Imperial, de colonização com estrangeiros, e que advinham do porto de Brehemem onde hoje se localiza a República da Alemanha.

Estes germânicos, antes de ocuparem as terras do antigo Sertão Santamarense, tiveram que se deslocaram por diversos pontos na então Província de São Paulo, pois haviam desembarcado no porto de Santos no ano de 1827, e somente

foram fixados na região da Colônia em 1829.

Devido ao fato de haver grande parte de alemães protestantes, e portanto, que não podiam ser enterrados em igreja católica, a Colônia solicitou a construção de um cemitério no local, que só foi construído em 1840, sendo o primeiro desta religião no Brasil. Em 1910, houve a construção da igreja católica na Colônia, substituindo uma antiga capela.



Foto: Rodrigo Martins, 2004

Devido à problemas com o Governo da Província, a Colônia Alemã não progrediu, e atualmente restam poucos descendentes dos primeiros colonos. As famílias que restaram foram Reimberg, Guilguer, Schunk, Roschel, Hesell e Helfstein.

Com a Segunda Grande Guerra a Colônia Alemã foi obrigada a mudar seu nome para Colônia Paulista .

Centro Paulus

O Centro Paulus é um espaço criado pela Associação Tobias em 1981 para o desenvolvimento do ser humano e da sua ação no mundo. Conta com uma estrutura flexível para a realização de cursos, seminários e treinamentos de curta e longa duração. Desenvolve atividades de antroposofia, e também oferece refeições produzidas a partir de alimentos orgânicos.



APA CAPIVARI-MONOS

Surge a partir dos estudos preliminares sobre a área iniciados em 1996, a SVMA deu início aos trabalhos de articulação e conscientização da população. Foram realizados trabalhos de Educação Ambiental, encontros e seminários. Após anos de trabalho, foi-se apropriado a proposta da necessidade de criação de uma Unidade de Conservação na área. Em 2001 a Câmara Municipal aprovou a Lei Municipal nº 13.136/01 que cria a APA CAPIVARI-MONOS.

Sua criação se deve em razão dos significativos recursos naturais lá encontrados (Mata Atlântica, rios, cachoeiras, etc.). Pode-se dizer que a região da APA é privilegiada do ponto de vista ambiental. Neste sentido, sua criação significa mais caminho para proteção e estratégia de gestão da área, tendo em vista que a região já esteja inserida em Área de Proteção aos Mananciais e no Cinturão Verde da Reserva da Biosfera.

Sua gestão é realizada através de um Conselho Gestor deliberativo, formado por 20 representantes (10 do Poder Público e 10 da Sociedade Civil), que deliberam a respeito de questões pertinentes à APA: projetos a serem implementados pelo poder público, empreendimentos impactantes ao Meio Ambiente, compensações ambientais, obras de infra-estrutura (água, luz, esgoto, transporte) e etc.

As principais atividades de desenvolvimento sustentável promovidas na APA são: Turismo sustentável, Agricultura Ecológica e Manejo Florestal sustentável.

Evangelista de Souza

Antiga estação da Estrada de Ferro Sorocabana (EFS), construída pelos barões do café paulista de 1919 a 1938 para competir com a ferrovia “inglesa” no transporte de café do interior do Estado para o porto de Santos.

Enquanto a “inglesa”, como era chamada à época, administrada pela companhia São Paulo Railway, utilizava um complexo sistema de trilhos, engrenagens e correntes para ligar o Planalto Paulista ao litoral, descendo a Serra abruptamente via Paranapiacaba, a Sorocabana projetava-se na paisagem da Escarpa da Serra do Mar com uma sensível inclinação de 6°, partindo da região de Evangelista de Souza até a cidade de São Vicente. No entanto, para isto, foi necessário a construção de 27 túneis na serra, além de diversas pontes e cortes/aterros.



A vantagem da Sorocabana sobre a “inglesa” se deu principalmente devido ao fato de permitir uma maior velocidade de descida, além da possibilidade de transportar cargas mais pesadas, que aumentariam os lucros dos barões do café. No entanto, ao final da construção da estrada, o café já não era mais o maior produto de exportação brasileiro.



A partir da década de 1960, com a construção do ramal Jurubatuba, Evangelista de Souza passou a contactar-se diretamente a Osasco, fortalecendo o complexo industrial que se instalava em Santo Amaro ao redor do canal do rio Pinheiros.

Até meados da década de 1990 era possível viajar pela Serra do Mar via Evangelista em trens de passageiro que partiam da Barra Funda e Embú-Guaçú, alguns até turísticos, com vagão restaurante e poltronas reclináveis. Atualmente passam por Evangelista grande parte da produção de soja brasileira, do Centro-Oeste ao porto de Santos.

Existe na Prefeitura uma proposta de implantação de um pólo turístico no local, com a reativação de trens de passeio.

Aldeia Guarani “Krucutu” (Pyau)

Os guarani são índios nômades e fazem parte da nação Tupi-Guarani, que juntamente com a nação Macro-Jê, constituam a maioria dos habitantes das terras em que os portugueses denominaram de Brasil.

O território Guarani, quando os portugueses chegaram no Brasil, se expandia basicamente desde o norte do Uruguai até o sul do Estado de São Paulo, e do sul do Mato Grosso do Sul, Paraguai e nordeste da Argentina, até as proximidades do litoral brasileiro. Tinham como núcleo a região entre os rios Paraguai e Paraná (atual leste paraguaio).

A presença guarani na Serra do Mar (*Paranapiacaba* – lugar de onde se vê o mar), segundo estudos antropológicos, é datada desde meados do século XIX, porém a fixação dos aldeamentos de *Tenondé Porá* (Morro da Saudade) e *Pyau* (Krucutu), às margens da represa Billings, somente ocorreu em meados do século XX.



A vinda dos guaranis para a Serra do Mar e litoral paulista, povoada à época da colonização pelos índios Carijó, é explicada pela busca da Terra Sem Mal (*yvy mareuy*), que faz parte da crença guarani que o Paraíso só é encontrado após atravessar o grande mar (*para guaçu*), por isso partiram de seu território original para a direção leste, se espalhando pelos litorais de São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo, no decorrer dos séculos XIX e XX.

Os guarani são o único povo com terras no interior do Município de São Paulo, e apesar de estarem na maior cidade da América do Sul, esta baseada na cultura dos brancos (*jurua*), os guarani de São Paulo ainda mantém vivas sua língua, cultura e religião.

RPPN Sítio Curucutu

Na primeira metade do século XX, havia em Parelheiros uma vasta Floresta Latifoliada Ombrófila Densa (mais conhecida com Mata Atlântica). Atualmente ainda é possível encontrar esta mata em estágios de regeneração na em alguns locais de seu território, principalmente em sua porção sul.

Em meados do século XX toda a mata que cobria a zona sul de São Paulo foi devastada, e transformada no carvão vegetal que alimentava as primeiras indústrias da capital, assim como servia de combustível doméstico para as famílias paulistanas pois ainda não havia o fornecimento do gás de cozinha.

Somente após a década de 1960, com a popularização do uso do petróleo e seus derivados, a Mata Atlântica da zona sul paulistana volta a se regenerar entre diversas espécies exóticas como eucaliptos e pinus, utilizadas em silviculturas ou para acelerar o processo de reflorestamento na região.

A Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN) Sítio Curucutu foi criada em 1995 através de um Decreto do IBAMA, e possui 10ha dessa Mata Atlântica em estágio regenerativo.

As RPPN, são Unidades de Conservação previstas no SNUC (Sistema Nacional de Unidades de Conservação) e são criadas pelo IBAMA em áreas particulares.



Mata Atlântica em regeneração